

Renato Suttana

Preâmbulo



http://www.arquivors.com/renato_preambulo.pdf

2016

Copyright © Renato Suttana, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa

Este livro é distribuído gratuitamente no site do autor. Não pode ser reproduzido ou comercializado sem autorização.

Sumário

I.....	4
II.....	5
III.....	7
IV.....	8
V.....	10
VI.....	11
VII.....	13
VIII.....	15
IX.....	17
X.....	19
XI.....	19
XII.....	20
XIII.....	21
XIV.....	23
XV.....	24
Sobre o Autor.....	25

PREÂMBULO

I

Um homem sozinho pesquisando o existir do mundo. Escrevo esta frase numa folha branca e espero. Espero, num silêncio devoto, embora nada mais aconteça ou nada ameace acontecer. A noite é fria ao meu redor, e o silêncio é vasto e profundo. Sou um homem sozinho suportando o peso de uma pergunta no silêncio gelado do mundo. À minha frente está a folha branca onde escrevi aquela frase. E a frase não se torna um começo — porque nada acontece em seguida, nenhum pensamento se concentra. Nada acontece, a não ser o próprio silêncio no frio, e esta consciência opaca de estar dentro dele, de ser o centro dele: a olhar absortamente para as coisas, de onde não me vem uma palavra e onde todas as possibilidades de resposta estão mudas.

As coisas formam uma barreira ao meu redor no silêncio. E, no entanto, por detrás delas não existe nada a não ser o pensamento em que as concebo: as coisas são

claras demais e verdadeiras demais para que eu... Para que eu...? — Há silêncio nas palavras. A frase que escrevi não tem nenhum sentido verdadeiro senão aquele que ela mesma mascara, e não comporta nenhuma pergunta que seja passível de resposta (a não ser aquela que se está dizendo nela como *silêncio*). A folha é branca, e não há nada escrito nela senão a própria frase. A frase que penso como verdadeira e absurda e nula no vazio gelado da noite.

As palavras que escrevo, endereçadas ao silêncio.

II

Prossigo, dentro da noite.

Há pouco, a mulher brincava com o cãozinho. Era uma mulher brincando com um cãozinho — uma mulher solitária a quem eu dizia ocasionalmente uma palavra. Naquele íterim — naquele entretempo — conversávamos. O que ela me dizia era a possibilidade de eu estar a ouvi-la; e o que eu lhe respondia morria no embate contra aquilo que ela jamais me perguntava.

Lembro-me dessa mulher com o cãozinho. Era loura e tinha uns olhos bonitos e, sobretudo, me fazia uma pergunta a que eu só respondia inadequadamente. Penso nela como num país distante que ainda não conheci, com uma certa melancolia que não me vem de pensar nela nem do fato de não conhecê-la agora, mas de me lembrar disso e da consciência que tenho de me lembrar disso — como se estivesse eu mesmo escalando um muro em direção a qualquer coisa, mas sem ter motivo nenhum para estar a escalá-lo (e sem desejar essa coisa que eu deveria alcançar no final).

A noite é vazia, com a lembrança da mulher a bater em meu pensamento como uma onda. “Se nos tivéssemos amado...” A noite é fria como um infinito; e a lembrança da mulher e do cãozinho está batendo em meu pensamento como uma onda. Bate por sobre rochas que permanecem em silêncio. O rumor que produz não vem das rochas, mas do bater. A consciência que tenho disso são essas rochas onde batem — o silêncio delas dentro da sombra e do cansaço.

III

Saltando por cima da fadiga — que mágoa. Pintei a *noite* quando tentava pintar o dia, quando devia tê-lo pintado, e a sombra me envolveu por todos os lados. Não chamo a isto melancolia, porque a ideia da melancolia diz respeito apenas a uma ausência de luz a que já me acostumei. Chamo de silêncio ou de consciência de tudo ser assim, de ser assim tão limitado e trevoso, como num espaço limitado e trevoso, e de sermos obrigados a percorrê-lo, sozinhos, até o limite da fadiga. Se fosse um labirinto, haveria a esperança de um limite. Mas não: trata-se apenas da sombra, com a qual nos envolvemos sem querer e com a qual nos comprometemos sem pedir, a cada momento. Trata-se de haver a sombra — e de sermos como forçados dentro dela, e de transportarmos o peso de nós mesmos por ela adentro, sem nenhuma esperança de chegarmos a um fim ou de atingirmos um limite nessa tarefa.

A noite é um grande mar a se estender à nossa volta. A pretensão de ultrapassá-la (isto é, de ir além desse mar) ou de sub-

jugá-la (pela esperança, pelo sonho, pelo símbolo) esbarra no próprio cansaço que a produz. O pensamento de conhecê-la profundamente se embaraça e se perde em seu próprio labirinto de incertezas. Não posso ser na noite mais do que a minha curta certeza de estar nela a perambular. Não posso abrir uma porta para fora dela, porque sei que, se a abrisse, iria novamente de encontro à treva imóvel e inacessível, que não alcanço ultrapassar. Não poderia conhecer mais do que o frio que me envolve: não teria palavras melhores para me exprimir, não poderia elaborar frases mais perfeitas para me dizer.

O pensamento de agora está amarrado à imperfeição. O desejo de alcançar um extremo está aprisionado no oco sombrio da sua ignorância. Há apenas a noite, e o desejo não basta para lhe escapar — o pensamento desse desejo aprisionado em seu próprio círculo incolor.

IV

Um vasto mar agitado a sua lembrança em meu coração. Um mar onde naufragaram e se esconderam mil segredos, um mar todo perigos e feito de sonho e de promessa, e que ao amanhecer já não estava mais lá — o mar — quando saímos para procurá-lo. (Como se fosse possível perder um mar.) É um mar a sua lembrança em meu pensamento, mas sinto que ele (o mar) nunca esteve lá, que eu sonhei a sombra dele e que ele, não ao amanhecer mas muito antes, já havia desaparecido quando saí a procurá-lo na escuridão.

Sonhei que havia o mar? — E, no entanto, você me visitou certa vez. E, no entanto, você esteve próxima de mim certa vez — antecipando, quem sabe, ou até antevivendo a melancolia de estar assim próxima, e antecipando, inadvertidamente, o pensamento infeliz da sua partida iminente. Para onde teria ido — você? E eu a amei, como de fato pensei que a amava no tempo em que tive você ao meu lado? Como posso recordar todas essas coisas? De que devão inexplorado do ser noturno elas ressurtem e me procuram? Como carvões arrefecidos, como... E talvez já não possamos

fazer ader de novo a memória delas em nossos pensamentos; quero dizer: talvez eu já não possa fazê-la arder — a lembrança — ou o sentimento delas, ou a verdade que houve nelas e que, quando *foi e existiu* como tal, parecia tão mais sólida e tão mais real do que um sonho.

Porém estou sozinho no interior da noite deserta, e uma recordação me perturba e suscita em mim uma inquietude. O esquecimento é simples, no entanto. As preocupações do dia são leves: são como cordas a que nos agarrássemos, na iminência de naufragarmos. As preocupações do dia nos conduzem para *fora* — é o que sei —, onde há sol e verdade e onde todas as lembranças do vivido pertencem já aos reinos inferiores. Ali — no dia —, o esquecimento é possível. Ali — não existem a insônia e o peso da sombra, e todas as coisas têm um lugar.

V

No dia, o mar é apenas esquecimento.

VI

O corpo da sombra avança em direção à sua própria verdade. O mundo lá fora avança em direção à sua própria verdade. E, no entanto, aqui dentro há o silêncio e o peso de estar a ouvir o silêncio — somado à consciência fatal de o estar a ouvir em plena escuridão. Gostaria de abolir esse silêncio, dizendo nele uma só palavra que de algum modo o *redimisse*. Gostaria de dizer uma palavra que soasse mais alto que o próprio silêncio e que contivesse nela a verdade em direção à qual a sombra avança sem parar. Mas são desejos apenas estes meus, que meu pensamento comunica a meu pensamento, sem nada dizer de substantivo. Fora deles — dos desejos — não há nada, a não ser a treva verdadeira e unânime. Neles nada se pode agarrar senão uma certeza vazia de que existem de fato em alguma parte — mas fora deles não há um ponto de ancoragem, não há uma aba de apoio, e tudo são formas a girar indefinidamente no vazio.

Permaneço em silêncio, a calcular as possibilidades desta palavra *silêncio*. Gosta-

ria de pronunciá-la mais claramente, isto é, de escalar a muralha do silêncio (real) e dizer plenamente a verdade da noite real (o que penso ser a verdade da noite real), mas só o que sei é que estou mudo e que a sombra avança para fora, progredindo em direção a si mesma (sempre em direção a si mesma), e para longe de mim, onde perco todos os seus rastros. Que farei quando ela se tornar total e totalmente exterior? Mas ela já não é exterior, não existe nela uma verdade que escarnece das minhas pretensões e propósitos?

Não sei dizer exatamente o que sinto. E não saber dizer o que sinto é apenas agravar a insegurança — como se navegasse cada vez mais para longe de uma costa aonde cheguei sem saber como. Sei apenas que atingirei um ponto onde haver o silêncio, pensar e nada saber serão uma coisa só, unificada. Chegarei a esse ponto onde toda a exterioridade se reunirá numa certeza única e onde já não poderei mais pensar no que quer que seja — e onde perderei a própria consciência de que penso —, porque tudo será tragado pelo exterior. Nesse ponto não haverá silêncio nem tenta-

tiva, e a própria sombra retornará a si mesma insolucionada, sendo afinal aquilo que sempre foi — uma treva uniforme, fria e sem qualquer esperança de amanhecer.

Aí não haverá o pensamento. Aí estarei em silêncio finalmente e serei semelhante ao silêncio finalmente. E a noite me devolverá a mim mesmo em meu horror.

VII

Recordo-me do dia e de suas formas luminosas. Recordo-me como se despertasse de um velho sono em que todas as coisas se converteram em silêncio e foram resgatadas pela luz. As lembranças do dia são lembranças da luz e da tentativa. O homem que caminhou no dia não sabia nada do dia e não tem dele a não ser a sua própria memória, que lhe fala do dia com a segurança clara do que fez parte do dia e agora, chegada a noite, trouxe consigo aquilo de que fez parte ignorando-o. Recordo-me do dia e de suas formas luminosas — quero dizer. Um profundo cansaço me prostra, porém procuro resistir à sua sedução. Esforço-me

por resistir, e sei que fazendo isso estou me esforçando para conservar desperta a parte lúcida, que o sono finalmente lançará no silêncio. O sono corrobora o esquecimento — é o que sei. Meu esforço (de lembrar e de me lembrar de mim mesmo lembrando) é um esforço contra o silêncio. Lembrando o dia, quero *ser* ainda por alguns minutos, antes que a noite desça efetivamente e, trazendo o sono, nos introduza inermes nos labirintos do sonhar.

Não quero sonhar, porque prefiro as cores lúcidas de que me lembro. Essa parte de mim — a mais resistente — se digladia com o sono, resiste a ele porque pretende conservar-se igual a si mesma: recordar o dia, os trabalhos do dia e as formas nítidas das coisas é apenas um modo de resistência. Aqui, no limiar do sono — em que o cansaço é uma névoa e a fantasia é um propósito —, sinto-me afundar lentamente numa água turva de sono, contra a qual me debato sem sucesso: sinto-me resistir e, ainda aquém do desespero, agarrar-me às formas verdadeiras como se temesse chegar muito depressa a algum fundo. (O fundo é o sono, mas eu ainda não estou nele. Ain-

da permanência na orla, agarrado às ramagens; e o próprio fato de ter consciência disso me assegura de que ainda não afundei totalmente.)

Recordo-me do dia e de sua luminosa nitidez.

VIII

A noite é um grande lago sem possibilidades de naufrágio. A treva unifica o mundo, e todas as coisas adormecem nela, inconscientes. Meu pensamento gira numa espécie de círculo. A agudeza que há nele é ilusória, é uma nitidez de fantasmas por dentro da qual há apenas o vazio e a expectativa de chegar. A noite recobre tudo, e meu pensamento, nela, é um naufrago boiando a quilômetros da praia. Não pode alcançar a segurança — esse naufrago —, porque está a quilômetros da praia, bracejando em meio às suas próprias criações, aos seus fantasmas e miragens. Se penso em nitidez, penso-a na própria confusão do esquecimento — meu pensamento, que aspira à nitidez, não é capaz de pensar nela

como alvo ou como *coisa*. Assim, traça um pequeno círculo de quimera ao redor de si mesmo, onde a nitidez se mistura àquilo que a nega e onde o desejo de nitidez se confunde com a distração que a postergou.

Como chegarei ao final da sombra, se ainda não atravessei o labirinto? Um grande cansaço me invade quando penso nisso. É um cansaço de conhecer todas as distâncias e de conhecer os abismos do longe, que trazem para o fundo as expectativas do pensamento. No vazio da sombra, saber o vazio é a única forma do pensamento. E a forma exclui a conclusão, assim como exclui a possibilidade de chegar. Estar na noite é bracejar no vazio, é naufragar na metade, sem jamais atingir a margem segura. É estar aquém da segurança, supondo a segurança como possível, porém supondo-a nesse vazio onde não existe nada que a justifique nem fundo onde ela possa ancorar. O que fazer, então, se posso atingir somente a metade? Atravessarei a treva fixa? Alcançarei o dia do outro lado, onde o pensamento se fartará de si mesmo e a esperança se fortalecerá de seus próprios fracassos?

Talvez a noite não tenha uma resposta. A noite é um círculo de treva que aprisiona um inseto sem fantasias. É um peso de fracassos que existe lá para esmagar.

IX

Caminhando às cegas pelo deserto, estou caminhando por um labirinto de sombras. E o labirinto se desdobra sobre si próprio. Nele o medo é uma enorme esfinge colocada no extremo de alguma coisa que não se vê. A nitidez do seu perfil, no entanto, desolada, magoa, e o peso de caminhar sozinho na escuridão transforma o medo em desespero. A noite é simples e apenas igual a si mesma, porém o caminhar na escuridão torna impossíveis todos os propósitos.

Penso que me endereço ao fantasma — e o penso nitidamente —, porém a escuridão me barra a passagem. Não me pergunto: para onde vou?, porque não vou (pelo menos penso assim) para lugar nenhum, senão para o próprio coração da sombra onde estar lá não faz diferença nem

sentido. Daqui para ali — no coração da sombra — é só uma diferença de palavras. A noite é enorme e excessiva, e o labirinto é longo demais para que possamos distinguir. No labirinto o tempo se converte em derrota e todas as distâncias se multiplicam, porque o que se lança em direção ao fantasma é um fantasma, e suas lembranças não o ajudam.

Ser sozinho no medo produz a esfinge no horizonte. O medo se torna essa esfinge contra a qual nada posso, e o centro da sombra é um abismo. Onde estarei a esta altura, se tomo apenas o medo como minha referência? Posso vencer o medo vencendo o mundo em tal combate, e chegarei então ao final? Ao vir o dia, estaria desperto, seria o mesmo (esta sombra sempre igual a si mesma) que se complicou em labirinto, o mesmo cujos pensamentos contiveram a sombra (não a sombra verdadeira, mas outra, uma outra sombra *qualquer* que sempre esteve lá para ocultar) numa consciência dela que produziu o gume desse horror e desse pasmo? Poderia o dia redimir finalmente, ou a noite se estenderia para além da luz, abraçando a miséria de saber, esta

ausência de portas que se converte em labirinto, e a necessidade de buscar que, de antemão, percebo não me trará nenhum fruto a não ser o próprio olho vazio da esfinge?

X

Porém a noite é dupla em meu desespero.

XI

Nada saber — nada saber do exterior nem da sombra — multiplica em profusão as paredes ao meu redor. As paredes não estão lá como tais, mas basta concebê-las em pensamento para que estejam realmente, e a própria treva — sem ranhuras ou fendas — é uma parede única contra a qual me debato, caminhando para a frente num deserto que não tem limites.

A noite é dupla em meu pensamento e nesse labirinto que se forma; e não saber multiplica paredes de medo e derrota ao meu redor. Não posso, pois, atravessá-las

senão tornando-as mais espessas e intransponíveis. E, quanto mais espessas se tornam, mais consciente eu me torno de que avancei e de que não haverá nenhum retorno após certo ponto, que nunca poderei determinar onde fica.

XII

A noite — odeio a noite nesta espera, porque sei que é uma espera de sombras, habitada por sombras, como uma velha casa em ruínas habitada por fantasmas. Habitar as ruínas afia o gume do meu ódio. Ter consciência disso me paralisa como um labirinto de sombras paralisa meu pensamento e o grande movimento das ondas paralisa o esforço de nadar. Porém não odeio a noite como quem olhasse do exterior para uma velha casa em ruínas. Odeio-a como quem a vive por dentro e a conhece tal como ela é — embora não possa conhecer senão uma parte daquilo que ela é, ou seja, a noite-mesma conforme a pensamos, vivendo nela e sendo exteriores a ela como fantasmas exteriores a si próprios.

A treva não se converte em nada propriamente, senão no imenso labirinto de sua inextricável simplicidade. Que digo? *Quem* é a noite, neste exterior em que a odeio? A noite é simples; porém o labirinto, nela, exclui qualquer ideia de simplicidade. Por isso é que a penso do exterior e converto em ódio esse pensamento que tenho dela. Nada sei a não ser uma parte — uma parte tão verdadeira que a estou chamando de noite verdadeira. Sei o quanto isso é insuficiente, mas não tenho escolha senão pensar assim e me conformar. A noite converte-se — eis tudo — naquilo que digo dela e em toda a insuficiência que uma palavra dita pode conter.

É isso, e basta, sendo noite nisso e labirinto na simplicidade.

Na simplicidade e no meu ódio que não é mais que uma palavra que pronuncio às cegas na escuridão.

XIII

Um pensamento da treva parece formar-se fora de mim. Estar perdido nisto que

não é sequer um lugar levanta em mim um tumulto de lâminas, deixa minha verdade a sangrar sobre uma laje de esquecimento, torna o meu ouro mais irreal. Isto que chamo de noite converte um pensamento dela em certeza: estou *certo* de ser assim, neste tumulto, e de todas as coisas serem exteriores. Caminhar para a frente é, portanto, caminhar sobre um pensamento. E a planície sobre a qual estou caminhando tem a mesma consistência de um pensamento. É neutra e difusa tal consistência. E o medo que há nela não vem do pensamento, mas do vácuo que espreita no fundo: o medo embarga o pensamento, como uma trava, e o deixa a girar em torno de si mesmo na escuridão.

Se estou lembrando, estou lembrando no esquecimento, é tudo o que sei. A planície que se forma na palavra não pode conter senão uma parte do esquecimento. No exterior não existem senão a treva e essa premência de nomear e a possibilidade de escolher infinitamente entre opções que nada significam e que nada podem prover à minha decisão. A noite, no esquecimento, é a possibilidade de nada afirmar, e

dentro dela o esquecimento já estabeleceu o seu domínio. Uma palavra é um gesto que faço no escuro, uma procura a que dou início no esquecimento. Não lhe atribuo peso nem espessura, mas sei que na palavra (sombra perdida na sombra) existe uma espécie de marco, que assinala o vácuo onde nada pode ser assinalado.

Sou e caminho no deserto, sobre a planície-palavra, e isso é tudo o que posso saber. Se o negror se abrirá em manhã, se o sol do dia revelará outra planície sobre aquela onde estou e me imagino a vagar — tais possibilidades ainda estão dormindo no segredo. A noite nada pode revelar. A treva não contém a não ser um germe de expectativa.

E o segredo é estável como uma rocha em pleno coração do que não se sabe.

XIV

Sou um homem sozinho, pesquisando o existir do mundo na escuridão. Essa frase, escrita numa folha branca, devia servir-me de começo, mas nada se segue ao que ela

diz. Olho para ela, escrita numa folha que é branca. Com efeito, há um momento em que tudo se dissipa e se esvai. A possibilidade de *dizer*, que a frase conteria por direito, está desfeita na escuridão. O que leio na frase é a minha própria incompreensão debruçando-se sobre a folha para não entender. Leio na frase as ruínas do significado ou de uma espessura de desejos que a frase, bobamente escrita no vácuo, jamais poderá realizar.

A noite ultrapassa a palavra em meus pensamentos. Devo concentrar-me nisto, nesta evidência, porém a própria palavra está cindida ou desmantelada nesse jogo. Ou eu mesmo é que estou cindido ou morto, ou o que solicitei à palavra é que se desmantelou ou se dispersou, como se dispersaria um amontoado de folhas no vento.

XV

A noite nada sabe a meu respeito.

*Escrito em janeiro-março de 1998
Revisto para publicação em 2016*

Sobre o Autor

Renato Suttana (n. 1966) é escritor e professor. Mantém na internet o site *O Arquivo de Renato Suttana*, onde publica textos de sua autoria e de outros autores. Publicou, além de ensaios, narrativas e traduções, os seguintes livros de poesia: *Visita do Fantasma na Noite* (2002), *Bichos* (2005), *Lâmina (e outros poemas)* — ebook (2006), *O anjo de amanhã* — ebook (2007), *Num Círculo do Sol* — ebook (2009), *Fim do Verão* (2009), *Qualquer Um* (2010), *Bicicletas* — ebook (2010), *Coroa de Ruídos* — ebook (2010), *Outros Bichos* (2011), *Conversa de Espantalhos* (2012), *Opinionautas I e II* (2012), *Bichos Imaginários* (2013), *Diário de Buenos Aires* — ebook (2013) e *Rapinário* (2015).